

UMA JORNADA QUE SE ENCERRA(*)

Senhores,

Há pouco mais de dois anos, no já longínquo e encoberto pela bruma do tempo, dia 19 de dezembro de 1988, asseverei-lhes, emocionado e comovidamente, haver atingido, pela decisão generosa dos nobres pares, uma culminância. Hoje, transido dos mesmos sentimentos, que *invadiam todo o meu ser àquela época*, acrescidos da agradável e inebriante sensação do dever cumprido, viro a *página final de uma trajetória em que procurei*, basicamente, tornar-me digno do mandato recebido e artífice da consecução das esperanças e da confiança que em mim foram depositadas.

E ao colocar o ponto final nessa caminhada, faço-o sem mágoas, sem tristeza, com desapego, mas humilde e simplesmente, como um sacerdote que cumpre, com devoção, os ritos sagrados que os desígnios dos Céus lhe ditaram. Deixo, ainda, a excelsa Presidência da mais Alta Corte da Justiça do Trabalho da Pátria, consciente, mais que nunca, da transitoriedade das coisas, da brevidade do tempo e da inconsistência, e da fugacidade das fatias de poder material, que as regras das civilizações e das sociedades organizadas impõem, eventualmente, aos seus integrantes.

Fiel às minhas próprias convicções e a essas premissas, posso, num recuo de quase onze anos, voltar o meu pensamento para a mesma imagem poética que invoquei, quando tive a ventura de tomar assento, como Ministro Togado deste Egrégio Tribunal Superior do Trabalho, nos Idos de 1980, haurida de bela página da extraordinária intérprete da sensibilidade escandinava e escanfandrista da alma humana, **Selma Lagerlof**, ao referir-se à ilusão do sol: "Um homem descia a enconsta de uma colina, o sol, refletindo-lhe no dorso, projetava no declive uma sombra imensa. Medindo-se pela projeção dos raios solares, pelas dimensões de sua sombra, era um gigante. O sol, porém, lá subindo e, ao meio-dia, aquela fantasia se desfez no próprio círculo de sua ilusão. A sombra sumira-se debaixo de seus pés". Também neste instante, senhoras e senhores, *ilustres autoridades e convidados*, não vejo, sob os meus pés, nenhuma sombra, pois, cada homem conhece a medida exata de sua dimensão.

Sempre entendi que um ato de sucessão de cargo não deve comportar fastidiosos, maçantes e áridos relatórios e ufanísticas prestações de contas, recheadas de números e listagens surrealistas de itens, de duvidoso mérito, que não o sentido de obrigação e dever funcional, de obras e realizações administra-

(*) Discurso de transmissão de cargo, proferido pelo Presidente do Tribunal Superior do Trabalho, Ministro Marco Aurélio Prates de Macedo, na solenidade de posse do novo Presidente, Ministro Luiz José Guimarães Falcão, no dia 6 de fevereiro de 1991.

tivas personalísticas, geralmente redigidas na primeira pessoa do singular. Não invadirei, portanto, com cifras, números de processos, metragens quadradas ou volume de documentos, as searas dos nossos serviços estatísticos, dos compromimentos administrativos da Corte, ou do Tribunal de Contas da União.

Todos os relatórios hábeis e competentes estão prontos e preparados nos prazos legais e em condições de distribuição, à disposição dos técnicos, dos especialistas, dos órgãos fiscalizadores e do público em geral, interessados em compulsá-los e daqueles que têm o dever de fazê-lo, por necessário e importante, como registro e controle.

Vislumbro aqui, mais do que a simples transmissão do comando desta augusta Casa, nesta hora festiva, uma dimensão mais ampla, um sentido mais simbólico, um símile daquele ritual com que os antigos gregos comemoravam a festa de Palas Atenas, passando, de mão em mão, a tocha sagrada, que lhes lembrava o dever, quase divino de conservar a crença em seus deuses, e a fé na estabilidade de suas instituições.

É chegado, enfim, o momento culminante de minha oração, destinado a render os peitos de gratidão a todos quantos, de alguma forma, contribuíram para o nosso sucesso e a consecução dos propósitos solenemente jurados na posse desta administração, rogando a Deus poupar-me da injustiça das imperdoáveis omissões.

Cabe-me registrar, inicialmente, a solidariedade, a ajuda constante e diuturna, de meus colegas de administração, o Vice-Presidente, Ministro Luiz José Guimarães Falcão e o Corregedor-Geral, Ministro Marco Aurélio Mendes de Farias Mello, e, nos últimos meses, o eminente e atuante Ministro Orlando Teixeira da Costa. A todos os meus nobres pares, integrantes deste Magno Colegiado, indistintamente, rendo as minhas homenagens, consubstanciadas num gesto fraterno de despedida deste período de coordenação de iguais, agradável, feliz, rico em trocas intelectuais e, sobretudo, repleto de respeito mútuo e camaradagem, unidos que sempre estivemos na busca de ideais comuns.

Devo registrar que vivi um período de intensa renovação e mudança nesta Colenda Corte. Neste mandato presidencial, que hoje se encerra, ocorreu o aporte, por força da nova Constituição, de dez novos ministros. Com os ministros nomeados em substituição, aos que se aposentaram, a verdade é que, mais da metade dos atuais ministros tem menos de dois anos de função, o que acarretou uma profunda alteração no funcionamento, na jurisprudência deste Tribunal, possibilitando que, do embate dialético do velho e o novo, surgisse uma atividade jurisdicional mais dinâmica, renovada, vibrante, na busca incessante de melhor e mais perfeita justiça.

Senhores ministros, meus pares e companheiros dessa caminhada memorável, recebam, todos, os meus mais comovidos e sentidos agradecimentos, pelo convívio tão enriquecedor.

Aos destacados membros da minha equipe que me serviram, à Secretaria-Geral da Previdência e seus componentes, aos meus Assessores, à Secretaria do

Tribunal Pleno e seu dedicado e competente grupo de funcionários, às Secretarias das Turmas, ao meu Diretor-Geral de Secretaria e à plêiade de Diretores de Secretarias e Serviços da Casa, e a todos os servidores desta Instituição aos quais devemos, graças ao apoio e solidariedade que sempre nos dedicaram, tudo o que logramos realizar e materializar em nossa sagrada missão de distribuir justiça.

Na pessoa do lídimo chefe do Poder Judiciário, o ínclito e conspícuo Presidente do Colendo Supremo Tribunal Federal, Ministro José Néri da Silveira, dileto amigo e co-estaduano, saúdo o Magistrado exemplar, missionário de seu apostolado e verdadeiro artífice e plasmador dos novos tempos de autêntica e efetiva autonomia, vividos pelo Judiciário brasileiro, concentrando nesta homenagem que lhe presto, neste instante, a minha gratidão intensa, pela cooperação recebida de todos os dignos e leais Presidentes das Cortes Superiores e Tribunais sediados em Brasília, dos quais levo comigo as lembranças inolvidáveis, das lutas comuns solidárias e coesas e dos caminhos percorridos juntos.

Ao Poder Legislativo, por suas duas Casas, a gratidão sincera da Justiça do Trabalho, pelas belas páginas que escrevemos em conjunto, no cumprimento de nossos deveres constitucionais em benefício dos trabalhadores e dos segmentos produtores da Pátria.

Manifesto os mais penhorados agradecimentos desta Corte e de todo o Judiciário Trabalhista, ao Poder Executivo que, ao longo de toda a minha gestão, sempre soube integrar-se desprendidamente aos nossos objetivos maiores e comuns: o bem da coletividade, mediante colaboração, apoio material e operacional constantes.

Concentro, na figura maiúscula do supremo mandatário desta Nação, o digníssimo e dinâmico Presidente da República, Fernando Collor, que com sua presença efetiva e afetiva, como ocorre agora, dá bem a dimensão do apreço que nos dedica e do respeito que devota ao nosso relevante papel na construção da paz social, os nossos mais sinceros e fervorosos agradecimentos.

Por isso, publicamente, neste instante de despedida de convivência funcional, quero enfatizar à Vossa Excelência o reconhecimento do TST, com a frase cunhada por **Massien**, segundo o qual, "a gratidão é a memória do coração". Tenho a certeza de que a sua gestão Presidencial, com o apoio e o incentivo de todo o povo que acredita em seus propósitos, ideais e vontade resoluta -, há de tornar reais os sonhos e o amanhã da Pátria, pois, só "os grandes homens imprimem o seu espírito no seu século e na sua Nação", como nos ensinou **Samuel Smiles**.

À minha querida família, minha esposa Iliana, minhas filhas Cybele e Samira, meus genros, neto e netas, que me proporcionaram o aconchego, o carinho, a ternura, e principalmente, o apoio e a compreensão pelas horas que lhes foram subtraídas, e, sobretudo, a força para enfrentar com estoicismo e galhardia, os duros embates da vida profissional e dos "trabalhos forçados" do áspero, mas honroso, fardo da Presidência do Egrégio Tribunal Superior do Trabalho, serei eternamente cativo do estímulo que me têm dedicado.

Aos nobres integrantes do Ministério Público do Trabalho – de onde orgulhosamente provenho, após ter exercido por mais de dez anos o cargo de Procurador-Geral – pela participação eficiente, proba, zelosa e altaneira, sentinelas avançadas do interesse público e do primado da lei, mediante atuação coesa, harmônica, equilibrada e justa em todas as instâncias do Judiciário Trabalhista e por todos os seus membros ao curso do meu mandato como chefe desta Justiça, neste biênio de trabalho conjunto, rendo homenagens especiais de reverência e de agradecimentos comovidos.

A todos os advogados, sacerdotes essenciais e indispensáveis da realização da Justiça entre os homens, que comigo militaram, a certeza do apreço, do respeito e da admiração que dedico à nobilíssima classe.

Ao Governador do Distrito Federal, autoridades de todos os escalões e esferas do Poder Público, que contribuiram com os nossos esforços voltados para a tentativa de realização e promoção do bem público, a certeza do perene reconhecimento da nossa administração.

Cabe-me, ainda, nesta oração de fim de caminhada, uma ingente responsabilidade que muito me desvanece e que pela primeira vez, em solenidades como esta, rompe uma tradição e inova os roteiros usuais.

Enfeixada em meu discurso de despedida, tocou-me a tarefa honrosa de realizar a saudação com que a Corte, mediante a indicação de um de seus membros, manifesta a sua alegria pelo salutar rodízio *inter pares*, recebendo o seu novo Presidente, com o bosquejo de seu perfil.

Bem que poderia desincumbir-me deste difícil encargo, dizendo lapidar e sucintamente, como síntese do valor de Luiz José Guimarães Falcão: "Eis um homem leal". Estaria dizendo muito, calcado no convívio fraterno, dedicado e solidário deste insuperável companheiro de equipe, homem de acendrado espírito público, trabalhador inveterado e compulsivo; mas, não estaria dizendo tudo... Além da lealdade, "este bem – no dizer de Sêneca – mais sagrado do coração humano", é preciso apregoar, alto e bom som, as inumeráveis qualidades daquele a quem caberão, doravante, as responsabilidades da solução e do comando das ações deste Colegiado.

Natural de Porto Alegre, prisioneiro como eu dos apelos e encantos telúricos da nossa querência meridional comum, o eminente Ministro Luiz José Guimarães Falcão deve sua formação profissional básica, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais. O seu aperfeiçoamento acadêmico realizou-se em Madrid, como bolsista do Instituto de Cultura Hispânica, em 1964, tendo estagiado inclusive no Tribunal Central do Trabalho daquele país.

Iniciou-se Guimarães Falcão nas lides trabalhistas como advogado, tendo sido Consultor Jurídico de diversos Sindicatos, Federações e órgãos públicos do nosso Estado natal, de 1958 até 1963, tendo exercido também o cargo de Assistente Jurídico da Secretaria de Trabalho e Ação Social do Rio Grande do Sul.

Ingressou na Magistratura Trabalhista, como Juiz do Trabalho Substituto, no nosso Estado, nos idos de 1963. Exerceu a Judicatura como Presidente de Junta de Conciliação e Julgamento, em várias cidades: Santa Rosa, Lagoado, Novo Hamburgo e Porto Alegre.

O destino, nos seus traços surpreendentes, propiciou fosse escolhido para ocupar vaga de Juiz Togado do Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, quando este foi criado, em desdobramento do TRT da 4ª Região.

No TRT da 9ª Região foi-lhe propiciada uma excelente experiência administrativa, na medida em que foi seu Vice-Presidente e, em seguida, Presidente.

A vivência das lides trabalhistas, obtida no seu início de carreira jurídica, como advogado, seguramente, influenciou-lhe a formação de líder classista, pois a nossa querida Associação Nacional dos Magistrados do Trabalho o tem como um dos seus fundadores, nos idos perigosos e arriscados de 1968, tendo sido seu Vice-Presidente, por duas vezes.

A dimensão polivalente do Ministro Guimarães Falcão, a sua condição humana, pode ser aferida, por um dado curricular que ele revive, a cada segunda-feira, nas sessões do Tribunal, após os embates do Esporte Clube Internacional, sua paixão perene, e, ultimamente, devo mencionar, fonte de poucas alegrias, certamente porque tal agremiação não mais conta, entre os seus dirigentes, com o valioso concurso do "cartola" Guimarães Falcão, contemporâneo e co-responsável, na *Diretoria do Clube, com seus maiores e mais famosos lauréis.*

É Ministro Togado do Tribunal Superior do Trabalho desde 1981. Aqui já foi Presidente da 3ª Turma e Corregedor-Geral da Justiça do Trabalho.

No biênio iniciado em dezembro de 1988, tem sido o fiel e constante parceiro de administração da Corte, eleito que foi, por unanimidade, Vice-Presidente do TST.

Magistrado de marcantes qualidades, intelectuais e morais, pela sua serenidade e independência, sem ostentações, seu devotamento à causa da justiça pelo seu reconhecido espírito público, e pela dedicação ao órgão a que tão bem serve, tornou-se o *Ministro Guimarães Falcão credor da nossa admiração e respeito* ao lado da estima dos que com ele privam, irradiada de sua personalidade simples e cativante, de homem afável e de fina educação, atencioso, mas rigoroso no tocante ao cumprimento dos deveres e à observância dos princípios éticos, que orientam sua conduta de cidadão e de julgador.

Eis o perfil, de um magistrado completo e cidadão correto e digno, a quem estará bem entregue, a partir de agora, a direção desta Corte.

A alta direção deste Tribunal contará ainda com dois excelentes Magistrados, o Vice-Presidente, Ministro Orlando Teixeira da Costa e o Corregedor-Geral, Ministro José Ajuricaba da Costa e Silva. Ambos têm rica experiência na magistratura trabalhista. Juízes de carreira, membros dos TRT's, respectivamente, do Pará e Pernambuco, lá ocuparam as suas presidências. Professores de Direito, ambos, além de competentes magistrados, têm tido uma vida acadêmica vitoriosa, com excelente produção intelectual.

Estou certo, que esta Casa da Justiça Trabalhista contará, na sua direção, com uma tráfede de administradores de escol, aptos a conduzir, da melhor forma, o Judiciário Trabalhista num momento em que se fazem necessárias a sua mudança, para que a sua prestação jurisdicional seja rápida, eficaz e justa, correspondendo aos anseios da comunidade.

No que me concerne, mesmo impregnado dessa sensação de despedida, que efetivamente se configura, não pretendo tornar esta solenidade um momento de melancolia, iluminada apenas por tons violáceos ou cinzentos.

Trago da mocidade, entre as sombras que o tempo não desfigurou, a lembrança humanizadora da província em que moldei a minha formação espiritual, moral e cultural.

De lá, deste mergulho no passado, até este fecho simbólico, são mais de 43 anos de atividade pública dedicados à vida Judiciária.

Agora, chegada a termo a travessia, creio ter contribuído com o meu quinhão nos limites das minhas possibilidades, com honestidade de propósitos, humildade e lisura, energia e rigor, quando necessários, lhanesa e serenidade – sempre, com o fervor com o qual o Criador concedeu-me a prática desses dons e dessas qualidades, mas, acima de tudo, fiel a mim mesmo, às minhas raízes, aos meus credos e à minha consciência, pois sei que sou e sempre serei, apesar das agruras inevitáveis e dos momentos contundentes, na trajetória que me foi concedida nesta formidável aventura da existência, o homem que sempre fui.

Mas, não posso deixar de reconhecer e registrar, que a vida nos conduz, com suas mãos de veludo ou de aço, não raro o veludo aparente cobrindo o aço oculto e duro, pelos caminhos inesperados do tempo. E quando nos damos conta, chegamos nas últimas etapas da estrada. Felizes aqueles que podem sacudir a poeira das sandálias e do manto, na satisfação íntima, compreendidas ou não pelos outros – de que o dever foi cumprido. É o caso daquele viajante que, no cimo da montanha, sangrando e exausto, consolou-se consigo mesmo, murmurando: Apesar de tudo, essa estrada era feita de luz e este pó é feito de ouro.

Não creio que, pelo menos eu, possa dizer tanto.

Mas, posso dizer sim, para retratar o estado de alma que repentinamente me invade, como nos nostálgicos versos de Pablo Neruda:

Não “me creio esquecido como estas velhas âncoras”,

E não reconheço que “são mais tristes os portos ao atracar da tarde”.

Espero e almejo ser lembrado, sempre, como Juan Ramon Jiménez, prêmio Nobel de Literatura, o foi por Platero, na “Melancolia” de seu sepulcro de Moguer, na Andaluzia:

“Esta tarde fui visitar a sepultura de Platero, lá no Horto da Píña, à sombra do pinheiro copado e paternal. Em redor, abril enfeitara a terra úmida de grandes lírios amarelos. No alto cantavam os pássaros, na copa

verde, sob o céu azul e seu trinado colorido e risonho, perdia-se na doirada transparência do lusco-fusco vespéral, como num claro sonho de amor novo.

Platero amigo – perguntei eu, voltando-me para o seu túmulo – se, como penso, estás a esta hora nos prados celestes e carregas no teu lombo os anjos pequeninos, terás acaso me esquecido?

Platero, dize-me: Ainda te lembras de mim?

E, como respondendo à minha pergunta, uma diáfana borboleta branca, que eu antes não tinha visto, pôs-se a voar e a revoar, com insistência como uma alma por sobre os lírios...”.

Comovido pelo profundo simbolismo desta passagem de bastão, que consubstancia as transições e os ciclos da existência e a própria sucessão de gerações, e dominado pelos mais emocionantes e difusos sentimentos que esta soleidade mágica e inesquecível tem o condão de despertar em minha alma e em meu coração, compartilho esta rara vibração com todos, agradecendo a solidariedade e o calor de suas presenças, entrelaçando mãos e espíritos, e, repetindo contrito, mas, de cabeça erguida, e recompensado intimamente, a síntese perfeita da epístola de São Paulo aos Coríntios:

“Combati o bom combate; encerrei a jornada; guardei a fé”.